

Ecos de uma linguagem não humana em *A paixão segundo G. H.* de Clarice Lispector

Jhony Adelio Skeika

Universidade Estadual de Londrina

Silvana Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa

159

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre o funcionamento da linguagem em *A Paixão Segundo G. H.*, livro de Clarice Lispector, lançado em 1964. G. H., personagem principal, narra os acontecimentos do dia anterior, quando se depara com o não humano em uma barata alojada no quarto vazio de sua empregada doméstica, que recém demitiu-se. No ato de narrar, G. H. pouco a pouco se destitui da linguagem humana e adota, em seu relato, outras estratégias de expressão, numa clara consciência dos limites do humano para a dicção daquilo que foi vivido. Agora seu esforço consiste em fazer com que seus recursos expressivos vão além da experiência humana e funcionem de modo a atualizar os sentidos e acontecimentos do dia anterior, por meio de uma linguagem experimental e gaguejante, que aqui, por meio das ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, chamamos de Linguagem Esquizofrênica.

Palavras-chave: *A Paixão Segundo G. H.*; Esquizofrenia; Linguagem.

Abstract: This article has as major goal discuss about how *The Passion According to G. H.*'s language operates, Clarice Lispector's book published in 1964. G. H., main character, narrates the previous day's events when she was visited by the non-human of a cockroach from the maid's empty bedroom, since she had just resigned. When she is narrating, she is losing the human language little by little and adopting other expression strategies to her report, aware of the limits of human comprehension about what she lived inside the bedroom. Now her efforts are making her expressive resources go further the human experience and operate to update the meanings and occurrences of the day before, in order to recreate the facts through an experimental and stuttering language, what, based on Gilles Deleuze and Félix Guattari's ideas, we baptized Schizophrenic Language.

Keywords: *The Passion According to G. H.*; Schizophrenia; Language.

Introdução

Clarice Lispector destaca-se na literatura brasileira, dentre outras características, por compor o rol de escritores dedicados à dicção da subjetividade sem, com isso, abandonar as grandes questões que assolam a consciência humana, dentre elas, a negação mesma da suficiência humana em relação aos outros entes. A estratégia discursiva que dá conta dessas intenções, como destaca Benedito Nunes (1995, p. 13 - 14), é composta de monólogos internos, digressões, fragmentação de episódios, que “sintonizam com o modo de apreensão artística da realidade na ficção moderna”. Esse tipo de abordagem na escrita literária está muito próximo ao que, previamente, James Joyce e Virginia Woolf já faziam.

Neste estudo, a abordagem não se detém na anotação dos recursos estilísticos ou estratégias narrativas desenvolvidas pela autora, mas sim no uso especial da linguagem que ganha lugar no livro *A Paixão Segundo G.H.*¹, de modo a sustentar o ponto de vista da narradora de que a sua experiência do dia anterior está além/aquém de uma linguagem tomada dentro dos limites do humano. O que foi vivido por G.H. não pode, no limite, ser narrado pela linguagem que dá conta dos eventos humanos justamente porque não aconteceu nos limites da experiência humana. A personagem deu um passo atrás no contrato de humanização, portanto a sua linguagem deverá articular-se a este movimento de retorno ao selvagem, ao não humano.

G. H. é desestabilizada ao contato com sentidos insólitos provindos de uma situação de epifania vivida no dia anterior ao relato, como já foi dito. A personagem descreve a perda da sua configuração humana, o que significa também perder a proficiência na língua organizada dentro de seu projeto formal de expressão civilizada. Já que o relato não seria possível sem linguagem, G. H. inicia sua busca por uma forma linguística que a expresse em seu estado de desorganização e abandono da língua humana. Este trabalho, então, se preocupa em acompanhar a protagonista nesse processo de criação daquilo que, com base nas ideias dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, chamamos de Linguagem (escrita) Esquizofrênica.

1 A abreviação *APSGH* será utilizada no corpo do texto para se referir à obra.

A Linguagem Segundo G. H.

Por meio das discussões de Deleuze e Guattari (1995, p. 12 - 23), tomamos a *APSGH* como um livro-máquina e o consideramos como um agenciamento; dessa forma, portanto, a narrativa só funciona se estiver conectada a outras máquinas, outros agenciamentos, que fazem o motor-livro trabalhar e produzir efeitos múltiplos de sentido. Esse é nosso movimento, conectar *APSGH* às ideias de Deleuze e Guattari acerca da Esquizofrenia, para que nesta conexão possamos experimentar os movimentos da narrativa, na medida em que o discurso de G.H ora se afasta, ora se aproxima, alternadamente, do humano e do não-humano, na potência do que chamamos aqui de linguagem esquizofrênica.

161

Deleuze e Guattari (1995, p. 12) dizem que “não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua”. Para este trabalho, vale a compreensão do ato interpretativo do texto literário como sendo o resultado do movimento de experimentação, na medida em que interpretar um texto literário seria atribuí-lo, traduzi-lo; é dar apenas uma forma àquilo que pode operar pela multiplicidade. Experimentar já é uma vivência e, por essa dinâmica, se instaura como momento atual, enquanto o ato de interpretar se coloca como síntese de uma compreensão passada. No entanto, a experimentação só existe, enquanto experiência que pode ser descrita, porque há uma apropriação. Uma vez concluída, ela apenas propõe e potencializa movimentos vindouros para novas experimentações.

Dizemos, então, que o discurso de G. H. é rizomático a ponto de, como grama, espalhar-se para além do território da narrativa convencional que nos daria apenas a síntese do vivido; o relato de G.H. busca atualizar o evento e torná-lo uma experiência: o vivido ganha potência de devir-vivência na dicção desumanizada de G.H. Entender, compreender, interpretar *APSGH*, em sentido restrito, é uma tarefa ineficaz e improdutiva; interessa, antes, fazer o texto funcionar e habilitar a sua vivência no momento de sua fruição.

A história narrada em *APSGH* é muito curta e simples: G. H. é uma mulher bem sucedida, escultora, financeiramente independente, moradora de um elegante apartamento de “cobertura”, que certo dia precisa limpar sua casa, já que a empregada se despedira. Ao começar a faxina pelo quarto da servente, G.H. se vê confrontada com a limpeza e aridez do cômodo, que de forma irônica abriga a vida dita imunda de uma barata. A personagem entra em um processo de reflexão sobre sua vida e se assusta ao esmagar o inseto contra a porta do guarda-roupa em que ele se encontrava. O encontro tem seu clímax com a degustação da massa branca que a barata expele.

Obviamente, a síntese superficial desconsidera a riqueza da construção literária de Clarice Lispector. O que nos interessa são os entremeios, o itinerário de G. H.; nosso esforço de leitura é no sentido de acompanhá-la em sua desumanização e verificar a eficácia do seu discurso em nos oferecer a experiência por meio do relato. A autora apresenta a experiência de G. H. pelo ângulo interior da personagem e o texto, mesmo que totalmente articulado em 33 blocos, adquire um movimento caótico por sugerir o processo psicológico e subjetivo pelo qual a protagonista vai se tornando capaz de negar a humanidade da linguagem. Embora fadado ao fracasso e à conseqüente desistência, o movimento em direção a uma dicção não humana é realizado até os limites de sua possibilidade, pois mesmo que apenas como especulação e desejo, o abandono da linguagem humana determina o modo de funcionamento do relato em *APSGH*.

Para acompanhar os movimentos operados pela linguagem de G.H. tomamos de Deleuze e Guattari (1995, p. 11-37) as noções de desterritorialização e reterritorialização, na medida em que a primeira noção acompanha a linha de fuga no seu fluxo de liberdade, heterogeneidade e conexão, o que propõe a desterritorialização da língua sobre a lógica do significante/significado; enquanto a segunda – a reterritorialização – acompanha o endurecimento da linha de fuga em uma linha molar, em que os sentidos e a lógica da língua se estabilizam por meio do retorno de G.H. a uma linguagem humana, sua desistência do caminho do esquizofrênico.

G. H. sabe que a experiência no quarto de Janair só pôde acontecer quando ela livrou-se de valores culturais humanos e passou a viver em um nível sensorial/material e não cultural/social. Para poder

voltar à “normalidade” de sentidos a que estava acostumada seria preciso esquecer a experiência esquizo que teve com a barata, mas o simples fato de a protagonista resolver narrar o acontecido para revivê-lo já é um indício de que ela não quer esquecer e, portanto, seu calvário será no campo da linguagem: como revelar o inumano por meio do mais humano de todos os recursos? Se a personagem declara ter perdido sua roupagem humana, o que esperar da expressão da linguagem, sendo esta predicado essencial de um estado de humanidade?

“É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo” (LISPECTOR, 2009, p. 10). Perder-se da conformação humana é necessário para que o vivido possa ser enunciado, no entanto, o próprio uso da linguagem obriga G. H. a procurar uma forma para si mesma, mesmo após aquilo que experimentou, toda sua programação humana impõe a busca por um contorno, por um limite que comporte o que viveu.

Segundo Deleuze e Guattari, o esquizofrênico sofre por estar desorganizado, alheio ao sistema. Situação muito muito próxima ao sofrimento de G. H. que se sente desterritorializada, desarticulada, já que provou por algumas horas um puro fluido de vida, um devir-barata: experimentação potencial e desestruturante.

Estarão as máquinas suficientes desarranjadas, e suas peças suficientemente desligadas, para se entregarem e nos entregarem ao nada? As máquinas desejanter fazem de nós um organismo: mas, no seio dessa produção, em sua própria produção, **o corpo sofre por estar assim organizado, por não ter outra organização ou organização nenhuma.** (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 20) [Grifo nosso].

Deleuze e Guattari afirmam que as máquinas desejanter só funcionam desarranjadas, avariadas, quando desmontam sua integridade maquínica para se conectar a outra máquina e produzir experimentação. Isso seria, segundo os filósofos, uma experiência de Corpo sem Órgãos², que pode ser entendida como uma potencialidade de experimentação, possibilidades de se conectar a outras coisas (uma barata, por exemplo) para gerar experiências; é um devir, uma experimentação não prevista,

² “28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos”. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 09 – 30.

mas possível, como se o corpo inteligível se projetasse em uma potencialidade a partir do seu limite. O corpo não tem órgãos, mas limiares, níveis, intensidades.

Seria uma experiência de Corpo sem Órgãos a que G. H. teve acesso, já que experimentou insolitamente a vida crua e neutra da barata, o nó vital, núcleo pulsante, a matéria de Deus? Se o Corpo sem Órgãos é “uma conquista própria da Esquizofrenia” (ZOURABICHVILI, 2009, p. 31), estaria a personagem relatando sua experiência de posse de uma expressão de linguagem esquizofrênica já que ela parece ter sido desterritorializada da língua humana?

“Cada vez preciso menos me exprimir. Também isto perdi?” (LISPECTOR, 2009, p. 19). A linguagem em seu modelo significante/significado não seria suficiente para expressar o vivido pela protagonista. Ela admite essa precariedade do signo linguístico: “Será preciso coragem para fazer o que vou fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso!” (p. 18). A personagem precisará, então, dizer e desdizer, dizer e redizer, e neste processo a narrativa vai se tornando um labirinto.

Para Deleuze e Guattari (2010, p. 29), o esquizofrênico “embaralha todos os códigos, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo acontecimento”. Semelhante a isso é o movimento do relato de G. H., que fica deambulando pela linguagem, fazendo contornos, explicando, refletindo, percorrendo os mesmos sentimentos de diversas formas, usando da língua para passear sobre sua experiência, como se procurasse a melhor forma para dizer o que deve ser dito e, não encontrando, passasse à prolixidade, “pecando por excesso” de língua, recriando novamente o que já se esforçara para dar forma. É no processo de deambulação que a experiência vivida se atualiza, é uma escolha que opta por ser excessiva, por saturar-se e trazer, de alguma forma, o aroma daquilo que foi experimentado, mesmo que apenas pela sugestão possível da palavra.

A protagonista tenta criar um discurso para representar a experiência vivida, mas o que ela viveu é incompreensível, inexprimível

e não pode ser acabado pela língua humana. É a visão de um grande pedaço de carne, ou melhor, de uma carne infinita: visão dos loucos. Ela sabe que ao “cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes”, a carne infinita “não será mais a perdição e a loucura”, mas “será de novo a vida humanizada” (p. 12). Porém, voltar à humanidade nessas condições é uma atitude esquizofrênica, já que para a sua experiência vivida, uma carne infinita é verossímil, mas para os moldes da linguagem e da cultura humana dar contorno ao incoerente, e assim admiti-lo em seu caráter inexpressivo, é loucura.

G. H. está nesse impasse, pois cortar a carne e ajustá-la ao tamanho dos olhos e da boca é um modo de integrar nela mesma a sua própria desintegração, mas seria um jeito de entender.

165

Já que tenho de salvar o dia de amanhã, já que tenho que ter uma forma porque não sinto força de ficar desorganizada, já que fatalmente precisarei enquadrar a monstruosa carne infinita e cortá-la em pedaços assimiláveis pelo tamanho de minha boca e pelo tamanho da visão de meus olhos, já que fatalmente sucumbirei à necessidade de forma que vem de meu pavor de ficar indelimitada - **então que pelo menos eu tenha a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha como uma crosta que por si mesma endurece, a nebulosa de fogo que se esfria em terra.** E que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma. Esse esforço que farei agora por deixar subir à tona um sentido, qualquer que seja, **esse esforço seria facilitado se eu fingisse escrever para alguém.** (p. 13) [Grifo nosso]

O movimento de G. H. é o da escrita e, nessa medida, é um discurso que se pauta pelo “agora”, pela presentificação da experiência: o ato de escrever como ato orgânico, atualidade do corpo. G. H. confia, então, nas relações e nas lacunas que sua “nova linguagem” oferece, já que seu esforço será sempre frustrado pela limitação do código organizado. Então, lhe resta o desafio de agarrar-se à potência desejante das palavras e experimentar significados e imagens até recriar alguns sentidos do que lhe aconteceu, mesmo sabendo que nunca conseguirá contar tudo (p. 163); ela assume, veladamente, que os significados escapam da palavra humana e por isso é necessário recorrer a outros signos.

Aqui, gostaríamos de chamar de *esquizofrênica* essa conduta da linguagem de G. H., já que foge à estrutura de língua, é embaralhada, labiríntica e opera pelo movimento de experimentação, sendo esta a lógica linguística mais significativa. Porém, não há modelo a se seguir

assim como há na expressão de linguagem institucionalizada, por isso a personagem afirma que deverá deixar essa sua língua se formar aleatoriamente, como uma crosta que por si mesma endurece.

Sua expressão linguística experimental é bruta e em estado vivo, como uma ferida viva que vai cicatrizando aos poucos, como o branco da barata que se oferece leitoso e fresco, mas que já começa a endurecer e amarelar em crosta assim que toca o ar. Assim é a linguagem de G. H., não permanece no “agora”, só pode ser presente no justo momento em que é processo puro de enunciação; a personagem quer tocar na vida que escapa, descrever com nomes uma manifestação amorfa, a fim de retê-la ao menos nas significações da língua, desejando sua imanência. Mas a dura verdade é que o momento de comer a massa branca da barata já é um instante amarelado.

Segundo Deleuze e Guattari,

o esquizo está no limite dos fluxos descodificados do desejo; seria preciso entender, também assim, os códigos sociais, já que, nestes, um Significante despótico esmaga todas as cadeias, as lineariza, as bi-univociza, e se serve dos tijolos como se fossem elementos imóveis para uma muralha da China imperial. Mas os esquizo os destaca sempre, desliga-os e os leva consigo em todos os sentidos para reencontrar uma nova plurivocidade, que é o código do desejo. Toda composição, assim como toda decomposição, se faz com tijolos móveis. (2010, p. 59)

Deleuze e Guattari descrevem o comportamento esquizofrênico como aquele que não faz uso de estruturas estanques de significação. Se pensarmos a língua como um código social então temos o esquizo embaralhando seus tijolos (signos), desfazendo ligações lógicas coerentes ao código para encontrar uma nova plurivocidade, novas vozes que operam por novos sentidos; por desejo, os tijolos linguísticos são dispostos das mais inusitadas formas.

Em *A Paixão Segundo G. H.* podemos perceber a formação de imagens que operam na criação de sentidos, mas não podem ser interpretadas de maneira fechada. Um exemplo disso é quando a personagem está descrevendo o quarto da empregada e afirma: “O quarto era o retrato de um estômago vazio. [...] Tudo ali eram nervos seccionados que tivessem secado suas extremidades em arame” (p. 42). O leitor é convidado a experimentar essas imagens desconectadas: as imagens do estômago e dos nervos só podem ser significadas na experimentação da

leitura, no contexto do quarto da empregada, porque por si só (enquanto signos fechados) muito pouco podem dizer a respeito do que estava sendo vivido naquele cômodo. G. H. cria no exercício de sua expressão linguística esquizofrênica e o leitor é chamado a experimentar o quente e branco do sol que adentra o quarto da empregada, visitar uma caverna ou um deserto árido e seus animais, ouvir sons de guizos de cascavel, vislumbrar uma barata grossa ou camadas de baratas como “o negror de centenas e centenas de percevejos, conglomerados uns sobre os outros” (p. 47). Como por desejo, *APSGH* convida o leitor a criar um CsO, imagens e sons que só têm sentido pela experimentação sensorial que a leitura presentifica.

A menos que eu pudesse fazer a prece verdadeira, e que aos outros e a mim mesma pareceria a cabala de uma magia negra, um murmúrio neutro. **Esse murmúrio, sem nenhum sentido humano, seria a minha identidade tocando na identidade das coisas. Sei que, em relação ao humano, essa prece neutra seria uma monstruosidade.** Mas em relação ao que é Deus, seria: ser. (p. 134) [Grifo nosso]

Eis a prece verdadeira, a busca secreta das religiões que desterritorializam suas línguas para se aproximarem do núcleo incompreensível do divino. Um murmúrio, sílabas desconexas, onomatopeias, silêncios. Seria essa a conduta da língua que poderia ser usada naquele quarto? Grunhidos, ruídos, chiados, uma ex-humana se aproximando da identidade neutra da vida, de uma barata, fazendo uma prece monstruosa àquilo que parecia “ser” o Deus. “Há três mil anos desvairei-me, e o que restaram foram fragmentos fonéticos de mim” (p. 20)

Porém, já que sem linguagem nada é narrável, e ela se propôs ao relato do que foi vivido, então as horas de perdição no quarto de Janair vão sendo recriadas em um estilo experimental, traduzidas em sinais de telégrafo, em uma linguagem sonâmbula (p. 19). Entretanto, o tecido discursivo de G. H. nem sempre é desordenado. Podemos dizer que há picos de esquizofrenia em sua linguagem, há momentos em que conseguimos acompanhar seu itinerário narrativo, atribuímos significados convencionais às suas imagens e explanações. Porém, há trechos em que a linguagem sucumbe e é impossível propor uma interpretação padrão e aceitável semanticamente no contexto da língua humana, já que a linguagem torna-se um emaranhado desordenado

de imagens e palavras boiando desconectadas do todo orgânico que o romance pretende ser. Um exemplo claro de como isso acontece está no capítulo doze.

Finalmente, meu amor, sucumbi. E tornou-se um agora. Era finalmente agora. Era simplesmente agora. Era assim: o país estava em onze horas da manhã. Superficialmente como um quintal que é verde, da mais delicada superficialidade. Verde, verde - verde é um quintal. Entre mim e o verde, a água do ar. A verde água do ar. Vejo tudo através de um copo cheio. Nada se ouve. No resto da casa a sombra está toda inchada. A superficialidade madura. São onze horas da manhã no Brasil. É agora. Trata-se exatamente de agora. Agora é o tempo inchado até os limites. Onze horas não têm profundidade. Onze horas está cheio das onze horas até as bordas do copo verde. O tempo freme como um balão parado. O ar fertilizado e arfante. Até que num hino nacional a badalada das onze e meia corte as amarras do balão. E de repente nós todos chegaremos ao meio-dia. Que será verde como agora. **Acordei de súbito do inesperado oásis verde onde por um momento eu me refugiara toda plena.** (p. 79) [Grifo nosso]

G. H. se entrega ao “agora” como uma sonâmbula sai desesperada ao encontro da experiência e sua linguagem perde a unidade, coesão, coerência em favor da experimentação de sensações que vão sendo descritas por imagens inesperadas. Essa linguagem quer gerar inusitados sentidos que não foram ainda convencionados na lógica do mundo, como, por exemplo, experimentar a sensação de ser um copo arfante, inchado e cheio de onze horas verdes de um balão. É a tentativa de superação da relação significativa e significado e de seu condicionamento no contexto semântico, sintático e morfológico da língua, o que nos autoriza a criar signos novos que podem ser incorporados, sem nenhum prejuízo, à máquina da linguagem. Eis uma língua que não está descrevendo simples construções, o desejo é sê-las ao mesmo tempo em que elas *são*. A linguagem esquizofrênica é a materialização do próprio tempo presente, pois “trata-se exatamente de agora” e “agora é o tempo inchado até os limites” (p. 79).

Talvez pudéssemos sugerir um tempo verbal de enunciação dessa linguagem (escrita) esquizofrênica: o presente do indicativo, já que sempre que G. H. tenta dele se aproximar é assolada por uma expressão caótica e experimental.

A personagem sugere, pelo desprezo da organização linguística,

uma adesão completa a uma conduta de linguagem esquizofrênica, como se sua mais profunda prece fosse feita em tons inaudíveis de sons desconexos e desterritorializados. Neste protocolo linguístico, o que ela disser não pode fazer sentido e o leitor é convidado a acompanhar essa experiência que é apenas fonética (gráfica) e não semântica em sentido estrito, mas sensorial, pois o que está sendo narrado é “inegavelmente uma verdade anterior a nossas palavras”:

Lembro-me de minhas dores de garganta de então: as amídalas inchadas, a coagulação em mim era rápida. E facilmente se liquefazia: minha dor de garganta passou, dizia-te eu. Como geleiras no verão, e liquefeitos os rios correm. Cada palavra nossa - no tempo que chamávamos de vazio – **cada palavra era tão leve e vazia como uma borboleta: a palavra de dentro esvoaçava de encontro à boca, as palavras eram ditas mas nem as ouvíamos** porque as geleiras liquefeitas faziam muito barulho enquanto corriam. No meio do fragor líquido, **nossas bocas se mexiam dizendo, e na verdade só víamos as bocas se mexendo mas não as ouvíamos – olhávamos um para a boca do outro, vendo-a falar, e pouco importava que não ouvíssemos**, oh em nome de Deus pouco importava.

E em nome nosso, **bastava ver que a boca falava**, e nós ríamos porque mal prestávamos atenção. E no entanto chamávamos esse não ouvir de desinteresse e de falta de amor. Mas na verdade como dizíamos! **dizíamos o nada**. (p. 118 – 119) [Grifo nosso]

Essas imagens nos conduzem a pensar que a desterritorialização da língua acontece até em seus constituintes fisiológicos, como o aparelho fonador, as zonas de articulação e as cavidades internas da boca. É porque na língua humana e organizada as palavras se coagulam para poderem ser proferidas, mas a linguagem esquizofrênica quer, antes que o branco amarele, os espermatozoides morram e o sangue coagule, tocar no que é vivo, no presente do indicativo. Não falar com a boca, desorganizar os sons, não articulá-los, deixar a palavra voar como uma borboleta sem peso significativo: o signo não tem mais sua função de representação, é um inseto alado que voa na cavidade articulatória do aparelho fonador, batendo em suas paredes mucosas, esvoaçando significantes sem significados convencionados. Experiência de Corpo sem Órgãos, desterritorialização do organismo produtor de sons, máquina-boca desejante, avariada, desregulada e descontrolada, arfando palavras-borboleta não programadas.

Seria a dicção neutra do silêncio esta expressão de que G. H. faz

uso? Uma linguagem esquizofrênica, desestruturada, desconexa, sem sentido, como um cão que cava buracos, ratos rizomáticos se tocando freneticamente em suas tocas, a língua lamuriante dos anjos, fragmentos fonéticos desarticulados proferidos num êxtase espiritual que por si só não tem significado e antes é uma ladainha sinestésica: “A vibração do calor era como a vibração de um oratório cantado. Só minha parte auricular sentia. Cântico de boca fechada, som vibrando surdo como o que está preso e contido, amém, amém. Cântico de ação de graças pelo assassinato de um ser por outro ser”. (p. 81).

O seu aparelho auricular é desterritorializado da função de audição e passa a sentir a ressonância do som inaudível do quarto de Janair. A dicção atonal do deserto do quarto da empregada de G. H. era como a de um cântico monótono, uma ladainha, um oratório todo cantando de bocas fechadas. “E ia para essa loucura promissora” (p. 59). O som do silêncio daquele quarto era a manifestação de uma linguagem esquizofrênica e G. H. é movida a desterritorializar a articulação fonética do código até “chegar a gaguejar na sua própria língua” (DELEUZE; PARNET apud DINIS, 2001, p. 16).

É muito difícil destituir-se da linguagem, já que é nossa pata humana, nosso esforço sensível de transcendência. Conhecemos o mundo pelas construções arquitetadas na/pela língua, por isso é então intenso o sofrimento de G. H., sua Paixão é depor a língua e toda a significação transcendente que ela evoca – talvez seja esse um dos sentidos a que o título do livro se refere. O caminho do calvário percorrido é sua rota para o assassinato profundo da língua humana como intermediária constante entre a personagem e o mundo, um crime contra si mesma já que G. H. é linguagem e esforçou-se a vida toda para enquadrar-se nela.

Esse é seu caminho de sofrimento e ela não resiste às quedas, sua salvação contra a dor é recorrer novamente à língua para se significar e assim a narrativa vai sendo construída e é só por isso que a narrativa existe, porque G. H. não resistiu ao vício humano de nomear. Ela precisou voltar desesperadamente ao uso da língua, mesmo que agora sua expressão de linguagem seja mais um grafismo que uma escrita, mais uma reprodução que uma expressão, mais fragmentos fonéticos desarticulados que um discurso, mais esquizofrenia que significação.

Representar o mundo por uma linguagem desarticulada fez parte

da agonia de G. H. em sua Paixão, bem como sua desestruturação dos valores humanos e sua aproximação à selvageria do mundo, comungando da vida neutra que se manifesta em todos os seres.

Algumas considerações

Literatura e esquizofrenia aqui estão associadas, já que uma linguagem (escrita) esquizofrênica poderia potencializar a conduta literária de criar agenciamentos, experimentação, CsO, devires, pois opera na desterritorialização do código linguístico, como tentamos discutir neste breve estudo. Nosso objetivo aqui foi o de aproximar a noção de Literatura a um princípio esquizofrênico, antes até a uma dinâmica esquizofrênica, não só na linguagem, mas também no jogo do mundo, de modo a reconhecer essa dinâmica no funcionamento do discurso esquizo do texto de *A Paixão Segundo G. H.*

171

A narrativa de G.H. exercita a criação de uma nova linguagem, trata-se, então, da atualização de questões fundamentais acerca do dizer humano e também do dizer literário. Na medida em que os limites da linguagem humana lançam G.H. e o leitor para uma seara de experimentações que escapam aos códigos e sistemas da linguagem no plano da cultura, G.H. evoca a selvageria da natureza e com isso potencializa um “aquí agora expressivo” que opera a linha de fuga da linguagem humana. No entanto, ao desistir da experiência esquizofrênica, G.H. regressa ao mundo inteligível da linguagem para poder ser significada, seu relato é texto e como tal se reterritorializa como artefato cultural, inserido no contexto de linguagem expressiva do humano. A língua esquizo permanece como uma potência de experimentação que libera a linguagem do seu determinante narrativo, ou seja, da referência e da representação.

Segundo Deleuze, em *Crítica e Clínica* (1997), não se trata do desejo de destruição da linguagem humana, tampouco separadamente o de fundação de uma nova língua desconhecida:

Ambos os aspectos se realizam segundo uma infinidade de tonalidades, mas sempre juntos: um limite da linguagem que tensiona toda a língua, uma linha de variação ou de modulação tensionada que conduz a língua a esse limite. E assim como a nova língua não é exterior à língua, tampouco o limite assintático é exterior à linguagem: ele

é o fora da linguagem, não está fora dela. É uma pintura ou uma música, mas uma música de palavras, uma pintura de palavras, um silêncio nas palavras, como se as palavras regurgitassem seu conteúdo, visão grandiosa ou audição sublime. O específico nos desenhos e pinturas de grandes escritores (...) não é que essas obras sejam literárias, pois não o são em absoluto; elas chegam em puras visões, que não obstante referem-se ainda à linguagem na medida em que dela constituem a finalidade última, um fora, um avesso, mancha de tinta ou escrita ilegível. As palavras pintam e cantam, mas no limite do caminho que traçam dividem-se e se compõe. As palavras fazem silêncio. (DELEUZE *apud* GURGEL, 2001, p. 35).

É o estatuto dessa nova linguagem que opera pela experimentação da articulação de outros signos: conduta iconográfica, atonal, musical, esquizofrênica, permitindo que seu usuário, em nosso caso G. H., possa rebatizar o mundo por seus agenciamentos e significados e ser rebatizado por eles.

Na citação acima, Deleuze afirma que essa nova linguagem não é exterior à língua institucionalizada, não está fora dela, embora seu movimento tencione a criação de um lado avesso, uma mancha de tinta, uma desafinação, uma escrita ilegível em meio a um contexto linguístico maior. Sua maior característica é a desterritorialização dos significantes que agora regurgitam significados não convencionados, misturando os signos a ponto de criar uma expressão híbrida e inusitada, uma língua experimental, esquizofrênica, polissêmica, múltipla.

Eu tenho à medida que designo - e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 2009, p. 176).

É por essa nova linguagem que G. H. admite ir atrás da matéria-prima da vida, e, embora volte de mãos vazias, retorna com o indizível do silêncio. Essa não é uma busca frustrada, porque, segundo G. H., o inexpressivo é a carga semântica da vida neutra, sua dicção, e é só pelo fracasso da linguagem limitada que a protagonista sabe que poderá tocar nesse nó vital para enfim poder dizer “a vida se me é” (p. 179). Mas nada disso ainda faz sentido e não é preciso tudo compreender para experimentar tudo o que é viver: essa é a Paixão e a adoração de G. H.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. [Trad. Luiz B. L. Orlandi]. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DINIS, N. *A arte da fuga em Clarice Lispector*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

GURGEL, G. L. *A procura da palavra no escuro – uma análise da criação de uma linguagem na obra de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

LISPECTOR, C. *A Paixão Segundo G. H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NUNES, B. *O Drama da Linguagem – uma leitura de Clarice Lispector*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. [Trad. André Telles]. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Sinergia; Ediouro, 2009.